

## A HERANÇA

Pseudônimo: ANJO

**Idalmo Geraldo Duarte Júnior**

FAFICH

COMUNICAÇÃO SOCIAL — RADIALISMO

Ele subiu no monte mais alto da propriedade, olhou pro horizonte, até onde a vista alcançava, e tudo aquilo era dele: os currais e pastos, com milhares de cabeças de gado; as plantações que alimentariam com fatura todo um país; a casa grande, com seus quarenta e tantos quartos; as casas dos empregados, que perfaziam sozinhas o maior vilarejo dos próximos 500 quilômetros; seu haras de cavalos puro-sangue; os cães de raça; os porcos premiados; as galinhas campeãs de produtividade.

Então deu um longo suspiro, e algo se quebrou irremediavelmente dentro dele. Uns dizem que foi encosto, mau olhado; outros, filosóficos, divagam sobre a desilusão do fim dos desafios. O fato é que sua energia acabou ali. Meu avô desabou no chão, como uma marionete que tivesse os cordões cortados; dali foi carregado para a cama, de onde dizem que nunca mais saiu.

Foi assim que o conheci. O corpo inerte, com exceção do rosto, que ele virava vigorosamente para nos olhar. E aqueles olhos que varavam fundo dentro da gente. Nunca vi olhos que brilhassem tanto; um brilho incômodo, que não preenchia: penetrava, como uma faca. Não encontro palavra melhor para descrever, Deus que me perdoe; eram diabólicos os olhos do meu avô. Apunhalavam, arrogantes, desvendando a gente por trás do sorriso amarelo:

“Vocês querem é meu dinheiro!” — dizia. “Safados! Estão só esperando eu morrer pra ficarem com meu dinheiro!”

É horrível confessar, mas que posso fazer? Eu temia meu avô. Apesar de criança, já era um ser humano, e temia aquilo que não podia compreender. Temia suas rugas, horrendas cicatrizes juncando toda a face, como em meio à mutação entre homem e lagarto. Temia aqueles olhos, dos quais mascarar-se era impossível. Temia sua fúria contra a paralisia, transferida contra tudo e todos ao redor. E temia por tabela a morte que ele tanto temia, adivinhando-a pairando grave por sobre seu ombro esquerdo.

Mais ou menos nessa época, ele começou a ver o anãozinho. “Ali está! O sacana! Rindo em cima da cômoda!” — apontava com o olhar, e o descrevia: “Usa uma roupa cor de musgo, tem as sombrancelhas enormes e está de chapéu! Um chapéu pontudo... vocês não estão vendo? Cegos!...” Cegos nós, ou louco ele, ninguém mais conseguia ver o tal anãozinho.

A partir daí, começaram a desaparecer coisas na casa. Tesouras, anéis, moedas, besteirinhas pequenas no começo. E meu avô sempre sabia: “Está debaixo do armário da cozinha”. “Em cima do lustre no banheiro.” Locais estapafúrdios, onde as coisas jamais estariam; mas dito e feito, era só ir lá e encontrar.

Como meu avô poderia saber daquilo? Começamos todos a desconfiar que sua invalidez era apenas fictícia, e ele saía furtivamente na madrugada, caduco que estava, para armar aquele ridículo circo de esconde-esconde contra nós.

“Idiota!” — esbravejou, quando finalmente meu pai criou coragem e o interpelou a respeito: “Foi o anãozinho! Foi ele que pregou essa peça em vocês, pobres palhaços, e depois veio me contar para rirmos juntos!” — sua gargalhada medonha estremeceu as vidraças — “Ouça, ouça ele rindo comigo!” — Mas meu avô ria só.

Ria só, e secava. Dizia não ter fome. Seus olhos, um espelho de concentração, à medida que o resto atrofiava iam ficando mais e mais intensos. Já eram insuportáveis; ofuscavam a vista da gente, como os faróis de um trem avançando célere sobre nós.

Junto com a força daquele olhar, crescia o tamanho dos objetos desaparecidos. A máquina de costura surgiu atrás da

cama de minha tia. Meu criado-mudo foi encontrado no porão. A geladeira apareceu no banheiro. A mesa de jantar, no alto da mangueira em frente à casa.

Finalmente, uma noite sonhei que meu avô me olhava, de pé junto da cama, os olhos brilhando como lanternas severas apontadas pra mim no escuro. Acordei sobressaltado, e por um momento me pareceu que ele continuava ali, apenas um pouco mais baixo que sua altura normal. No instante seguinte, a impressão se esvaneceu, e reparei na estranha luminosidade em que o quarto estava mergulhado.

Era noite de lua cheia, e o teto da casa havia desaparecido.

Foi nessa noite que meu avô morreu, silencioso e sorrateiro como um ladrão. Tive um choque quando fui vê-lo, e pela primeira vez seus olhos estavam fechados. Seu corpo, sem o escudo, jazia completamente desprotegido, os ossos quase furando a pele ancestral. Foi quando percebi o quanto meu avô era pequeno, franzino, flácido pela falta total de movimento; e a tristeza sem fim daquela face rugosa, transpassada por uma melancolia indecifrável.

“O esforço de levar o telhado embora foi demais pra ele, pobre velho maluco” — arriscou baixinho meu primo, quando estávamos todos reunidos ao redor do caixão no velório.

Olhei nervoso para o rosto de meu avô, com a sensação apavorante de que ele ia abrir de repente seus olhos chamejantes e, em meio a urros de fúria, nos desintegrar em fogo e dor pela insolência de meu primo. Mas nada aconteceu. Ele permaneceu quieto: estava extinto.

O teto, jamais encontramos, por mais que procurássemos por toda a propriedade. Naquela noite, dormindo em meu quarto com uma lona servindo de forro, acordei novamente sentindo que alguém me vigiava. Daquela vez não poderia haver engano. Meu coração debatia-se dentro da gaiola, reconhecendo: na primeira claridade do amanhecer, enevoado e indistinto, um vulto pequeno, usando uma espécie de chapéu pontudo, me olhava fixamente da penumbra.